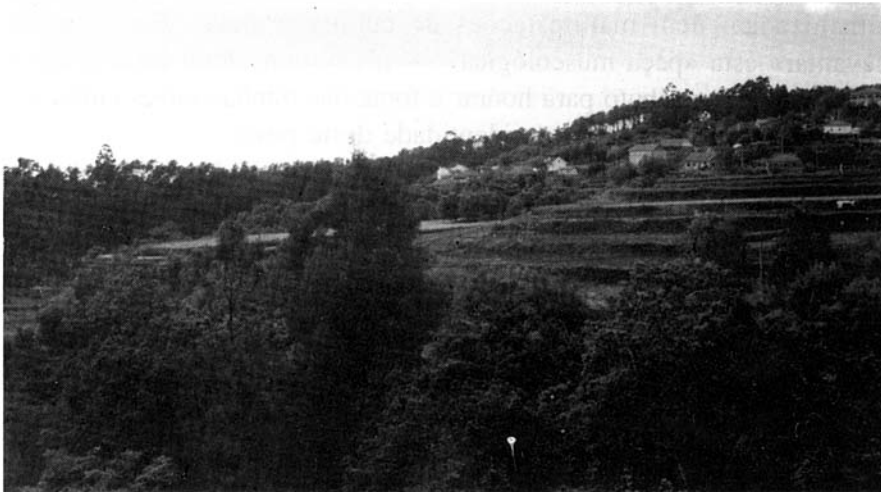


FULÃO DO AMONDE

Por JOAQUIM VASCONCELOS*

A prática do turismo no mundo rural, necessita de revitalizar certas actividades e remunerar, os intervenientes deste espaço, como se de funcionários se tratassem. Talvez assim a nossa identidade seja salvaguardada.

Falar do «FULÃO DE AMONDE» é lembrar, os batimentos ritmados, que aquele engenho fazia ecoar pela freguesia de Amonde. Alguns habitantes ainda se recordam do ruído dessa peça museológica. Segundo as referências de pessoas de Amonde, esta «peça museológica», terá deixado de fazer o seu trabalho há menos de 40 anos.



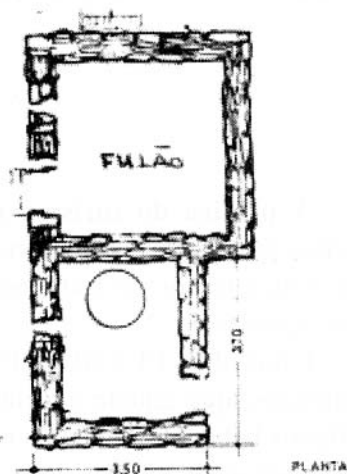
* Diplomado em Engenharia pelo Instituto Superior de Engenharia do Porto. Técnico Superior da Câmara Municipal do Porto.

Nessas antigas instalações ainda existem alguns objectos utilizados naquela actividade secular. E porque a nossa história não deve ser esquecida, é interessante relembrar esta actividade e, se possível, integrá-la neste ecomuseu, como uma peça única, dentro de Bacia Hidrográfica do rio Âncora e rara a nível nacional.

A valorização deste espaço, não pode enfraquecer a economia rural. Para evitar o despovoamento das aldeias é necessário reactivar certas actividades e integrá-las em circuitos turísticos para as



Planta e alçado da construção



PLANTA

rentabilizar, porque sem agricultores, não haverá «paisagem humanizada», nem manifestações de cultura popular. Por isso, ao «levantar» esta «peça museológica» — pisão, considere estar a dar o meu humilde contributo para honrar a fonte das minhas raízes culturais, e assegurar a continuidade da identidade deste povo.

Esta peça museológica, localiza-se na Bacia Hidrográfica do rio Âncora, na freguesia de Amonde, concelho de Viana do Castelo.

O Fulão ou pisão hidráulico parece ser uma invenção medieval europeia, que se espalhou por todo o continente a partir dos séculos XI e XII. Entre nós, já certos forais dos primórdios da Nacionalidade se referem a pisões, desconhecendo-se se eram ou não hidráulicos.

No tempo dos romanos, os escravos ou pisoeiros, calçavam-se com socos próprios, para fazerem esse trabalho.

A **pisagem**, consistia na maceração, com uma mistura preparada durante horas ou dias, com o objectivo dum acabamento mais compacto, dos tecidos de lã e de linho, que, depois de serem tecidos, tinham normalmente uma textura larga.

Depois veio a implantação da indústria do algodão, e a matéria prima dos nossos têxteis, o linho e a lã, foram abandonadas. E assim começaram a dar-se grandes transformações dentro destas actividades rurais e domésticas.



Fulão e regueiro de região

Quanto ao fulão do Amonde, sabe-se que era muito antigo. Actualmente ainda se encontra o edifício sem cobertura, com alguns objectos no seu interior.

O edifício é uma pequena construção de rés-do-chão. Tem uma secção rectangular, e encontra-se integrado num aglomerado de moinhos.

A um nível inferior ao pavimento, existe um pequeno fosso, onde trabalhava o eixo do mecanismo motor.

O sistema hidráulico deste engenho de maçar o linho ou a lã, é idêntico ao existente nos moinhos. Neste caso, a alimentação desta roda motriz, fazia-se através do regueiro de Vegião, que está canalizado desde a Ferida Má (Pincho).

Na entrada da levada, existem comportas em madeira, para regular o caudal.

O aparelho motor era composto por uma roda hidráulica vertical de propulsão inferior. Era construída em madeira com cerca de 1,00 m de diâmetro e 40 cm de largura de palas, com aros de tábuas e dois pares de braços.

Era montado num eixo de madeira, facejado octogonalmente, normalmente localizado no exterior, junto da fachada virada ao regueiro.

O eixo jogava assim, do lado da roda, num espigão de ferro, que apoiava sobre muretes.

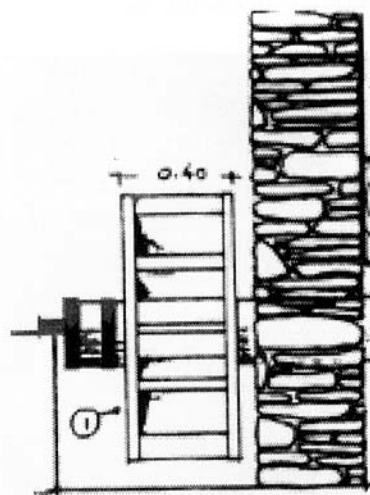
O sistema de maçagem do fulão de Amonde era de pancadas horizontais

A maçagem ou pisoagem, consistia num batimento das fibras molhadas durante várias horas, até se operar a amálgama das mesmas. Socorrendo-se

de processos muito elementares, essa operação, conhece o desenvolvimento do pisão hidráulico, no séc. XI ou XII. O pisão hidráulico, consta fundamentalmente, além a roda de água motriz, de uma masseira onde se coloca a «cherga» e de dois «malhos» que batem pancadas alternadas.

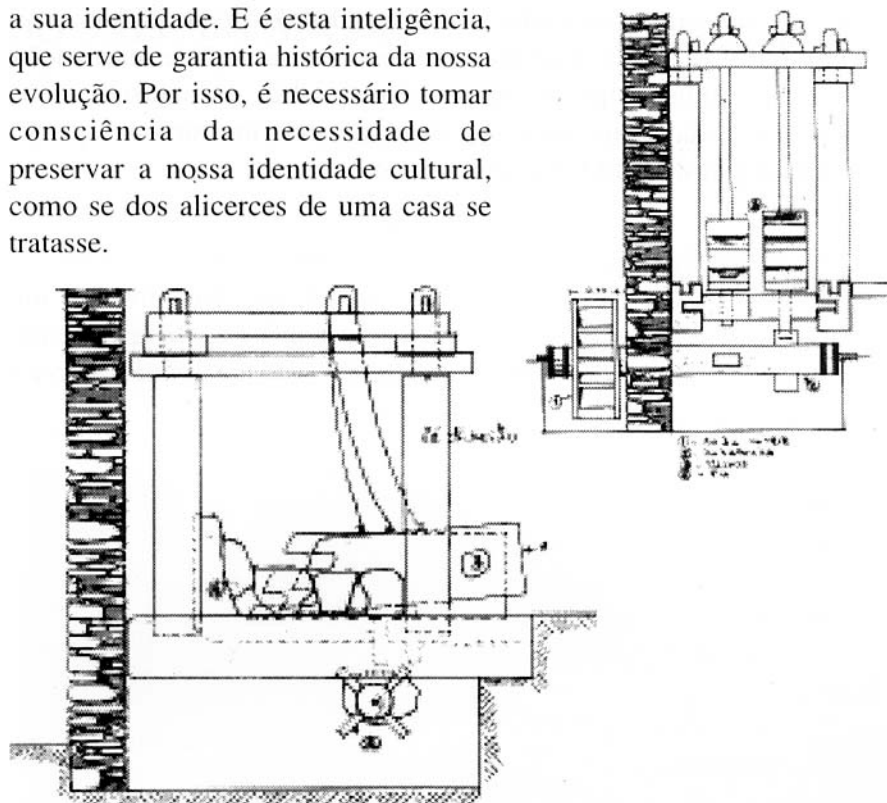
O fulão (pisão) artesanal que existia no Amonde, era um engenho tosco, primitivo e pesado, de madeira; constava de um roda motriz de propulsão inferior, munida de um eixo que apresentava, em dois pontos diferentes, duas palas dispostas perpendicularmente uma à outra. O eixo ao girar, levantava os maços (suspensos de uma armação) alternadamente, que ao cair, ia bater o tecido, que se encontrava numa tina também em madeira, situado frontalmente, onde se deitava água ou as misturas líquidas próprias para a lavagem ou pisoagem.

Concluo lembrando que esta peça marca uma época. É um elemento integrante da evolução de um povo, em movimento, na lenta dinâmica



Esquema da roda hidráulica

cultural, porque a cultura não nasce já feita, nem se muda radicalmente de um dia para o outro. São a história, ou as raízes de um povo, que se orgulha de ter desbravado este espaço, integrando-se nele, de uma forma inteligente, que vão demarcando a sua identidade. E é esta inteligência, que serve de garantia histórica da nossa evolução. Por isso, é necessário tomar consciência da necessidade de preservar a nossa identidade cultural, como se dos alicerces de uma casa se tratasse.



Conjunto esquemático do fulão

Foi a topografia ou o isolamento a que esta região esteve votada, ou a economia pastoril e agrícola de subsistência que marcou a área geográfica da Bacia Hidrográfica do rio Âncora, originando uma organização comunitária, que não deve ser esquecida. É nessa perspectiva que o fulão de Amonde, que era procurado por habitantes das freguesias da Bacia Hidrográfica do Âncora, e também lá vinham afuloar a «fraldilha» para calças de homem, de lã escura e linho, gentes

de Outeiro, Pêre e Montedor, devia ser recuperado e se possível, integrado em circuitos turísticos culturais. Sem isso, será muito duvidoso que assumamos progressivamente uma atitude autónoma e criativa, mesmo que se crie a Área de Paisagem Protegida da Bacia Hidrográfica do rio Âncora, para salvaguardar a biodiversidade existente. Talvez uma gestão integrada, em que estejam presentes a conservação e reactivação destas peças museológicas, se possa enquadrar num projecto de investigação e educação ambiental, diversificando um turismo, que se pode tornar guardião do nosso património.

Agosto de 1996